

Avaliação é de que diagnósticos são mais precisos

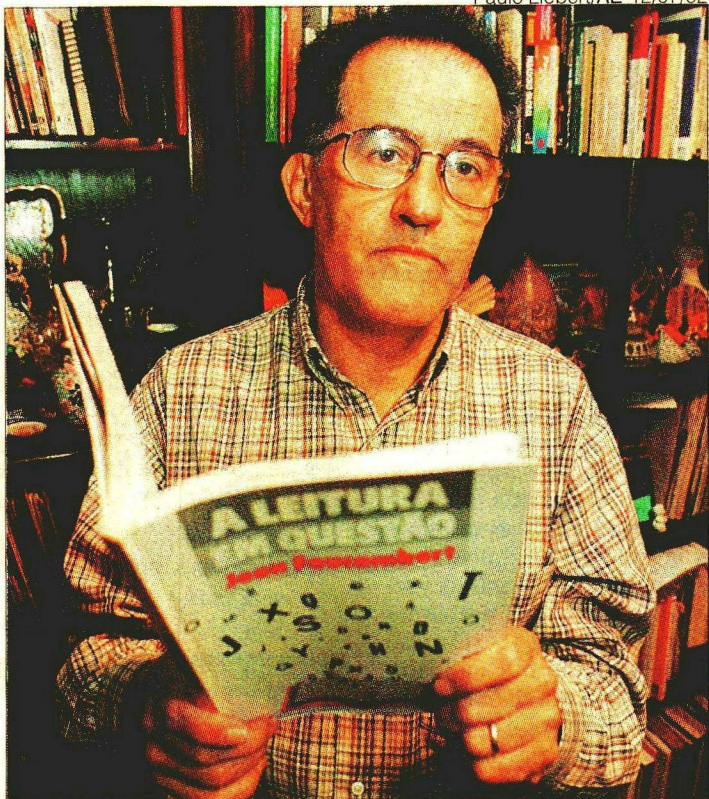
Programas são razoáveis como cartas de intenção, mas insuficientes como projetos para a Educação

A avaliação dos candidatos sobre educação, saúde, saneamento e habitação é mais precisa no diagnóstico do que nas propostas. Essa é a opinião geral de alguns especialistas, mais preocupados em saber como os presidenciáveis pretendem alcançar suas metas. Para o professor da Faculdade de Educação da Unicamp, José Roberto Rus Perez, e o pedagogo João Ribeiro, os programas são razoáveis como cartas de intenção, mas insuficientes como projetos para a educação.

“As propostas são muito vagas”, considera Rus Perez. “Dizer apenas que vai melhorar a qualidade de educação (Serra e Garotinho) é muito pouco, porque educação de qualidade não é barata.” Embora elogie o novo fundo proposto por Lula, Perez também questiona seus efeitos. “Pode ser um estratagema de melhor aplicação dos recursos existentes, mas não significa ampliação dos recursos para o setor.”

O especialista da Unicamp também concorda com a necessidade de melhorar o nível dos professores, mas aponta o outro lado do problema. “Como serão treinados mais de 1 milhão de professores do setor público?”, questiona. Outro desafio, lembra, é a universalização do atendimento de crianças na pré-escola (Serra e Garotinho) e no ensino médio (Ciro). “Será possível expandir as matrículas para a educação infantil e o ensino médio simultaneamente? Ou será melhor estabelecer prioridades?”

Também com mais dúvidas do que certezas, João Ribeiro elogia algumas preocupações básicas de Serra (*prioridade para o ensino fundamental*), Lula (*bolsas de ensino superior para alunos carentes*), Ciro (*prioridade para o ensino médio*) e Garotinho (*maior atenção para o ensino público superior*). Em cada proposta, porém, Ribeiro vê deficiências. No caso de Serra, cita a dificuldade de universalizar a educação infantil. “É



Ribeiro: idéias de Ciro para o ensino médio são “irreais”

um objetivo difícil de executar em quatro anos, pela falta de infra-estrutura.”

Sobre a preocupação de Ciro com o ensino médio, o pedagogo acha as propostas “confusas ou irreais”. Para ele, universalizar o ensino médio com qualidade, em oito anos, exige um investimento altíssimo na formação de professores. Entre o óbvio (*erradicação do analfabetismo*), o muito geral (*melhoria da qualidade do ensino básico*) e o excessivamente específico (*aumentar de R\$ 420 milhões para R\$ 546 milhões os recursos para o ensino superior*), o professor Ribeiro acha as metas de Garotinho pouco realizáveis.

A proposta mais estruturada, avalia ele, é a de Lula, “porque promove a educação infantil a um novo status”. Ainda assim, também há reservas. “Quanto ao ensino superior, mostra preocupação apenas com os alunos carentes, sem referência à crise financeira e ao crescimento descontrolado do setor privado.”

Já para o engenheiro Hugo Marques da Rosa, ex-secretário estadual de Recursos Hídricos e especialista em políticas públicas de saneamento e habitação, falta aos candidatos uma visão integrada. “Habitação e saneamento, mais trans-

portes, deveriam ser tratados dentro de um contexto de desenvolvimento urbano”, sugere. Na habitação, diz ele, a maior falha foi a ausência da questão do solo urbano. “Mais importante que construir a habitação é criar o espaço urbanizado.” No saneamento, o grande problema é a falta de definição de quem é o poder concedente nas áreas metropolitanas. “Sem isso é difícil até a obtenção de financiamentos.”

Na saúde, as avaliações são semelhantes. Para as professoras Ana Luiza Viana, do Instituto de Medicina da Uerj, e Ana Maria Medeiros Fonseca, pesquisadora da Unicamp, ambas especialistas em políticas de saúde, os diagnósticos estão corretos, mas as propostas insatis-

fatórias. “Todos defendem o SUS e uma maior regulação pública. Perfeito”, avalia Ana Fonseca. “O problema é que nenhum deles trata das iniquidades do sistema de saúde.”

Entre os problemas esquecidos, cita Ana Luiza, está a diferença de acesso, segundo a renda e a localização geográfica, e de gasto em saúde. “Pessoas com renda mais baixa gastam mais do que aquelas com maior renda”, pondera. “Não há muita novidade nem medidas detalhadas.” (S.B.)

PARA
ENGENHEIRO,
FALTA VISÃO
INTEGRADA